

RUA JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO

Decreto nº 8314 de 18-12-1984

Protocolado nº 30.665 de 25-10-1984 em nome de vereador Helio Rosolén e Outros

Formada pela rua 10 do Parque da Hípica

Início na rua Denir Dias da Silva

Término na divisa desse mesmo loteamento

Parque da Hípica

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal José Roberto Magalhães Teixeira.

JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO

Júlio da Silveira Sudário nasceu em Piracicaba, SP, a 10-12-1906 e faleceu em Ribeirão Preto, a 16-09-1978, sendo enterrado em Itápolis. Diplomado farmacêutico pela Escola de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba, em 1926, foi exercer a profissão em Itápolis, por mais de trinta anos. cursou também a Escola de Sociologia e Política, fundação da Universidade de São Paulo. Lecionou Sociologia Geral e Educacional no Instituto de Educação "Valentim Gentil", de Itápolis, do qual foi um dos fundadores. Foi durante muito tempo correspondente de "O Estado de São Paulo" e do "Correio Paulistano". Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e pertenceu ao Instituto Genealógico Brasileiro. Foi farmacêutico, professor, jornalista, cronista, poeta, historiador e conferencista. Residiu muitos anos em Campinas, havendo sido consultor da "Livraria M. Teixeira", farmacêutico do hospital psiquiátrico "Casa de S. de Bierrembach de Castro" e organizou e instalou a representação do Funrural, para esta cidade e região. Foi colaborador do "Diário do Povo" e do "Correio Popular". Descendente de Luis Pedroso de Almeida Lara, um dos colaboradores e parentes próximos de Barreto Leme, o fundador de Campinas. Além de vasta relação de trabalhos divulgados por jornais e revistas Júlio da Silveira Sudário publicou: "Cartas que não são Persas", "Breviário", "Prolegómenos", "Breves Notícias Históricas", "Confederação Americana", "Araritaguba e seu Primeiro Capitão Mor" e "Pequena História de Itápolis". Jornalista combativo, foi processado por crime de imprensa, em São Paulo. Itápolis concedeu-lhe o título de "Cidadão Itapolitano".

Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo

J U S T I F I C A T I V A

Considerando ter recebido de amigos do homenageado, solicitação, no sentido de perpetuar o nome de JULIO DA SILVEIRA SUDÁRIO, para fazer justiça a êste nosso ilustre concidadão, que deixou marcada a sua passagem por esta cidade.

Entendendo ser justa a solicitação, é que apresentamos o nome de JULIO DA SILVEIRA SUDÁRIO, para ser denominada uma via pública de nossa cidade.

Anexo, a biografia do homenageado.


VEREADOR HELIO ROSOLEN

RUA JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO



DECRETO N.º 8314 DE 18 DE DEZEMBRO DE 1984

DENOMINA "JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios Paulistas), e.

CONSIDERANDO que o artigo 8º. do Decreto n.º 3.476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto n.º 5.690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

DECRETA:

Artigo 1º. - Fica denominada "RUA JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO" a Rua 10 do Parque da Hípica, com início na Rua Denir Dias da Silva e término na divisa desse mesmo loteamento.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 18 de dezembro de 1984.

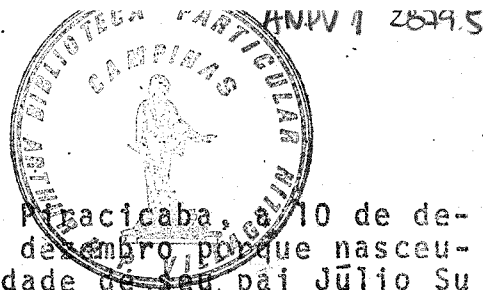
JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal

NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

AUGUSTO FERNANDO DE BARROS PIMENTEL FILHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 30.665, de 25 de outubro de 1984, em nome do Vereador Hélio Rosolén e outros e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 18 de dezembro de 1984.

PLÍNIO GUIMARÃES MORAES
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO

JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO, nasceu em Piracicaba, a 10 de dezembro de 1906. Foi registrado na data de 22 de dezembro, porque nasceu num sítio de 25 alqueires de terras, de propriedade de seu pai Júlio Sudário da Silva Leite, entre Piracicaba e Tietê, e a chuva na terra roxa tornava o trânsito penoso.

Cursou a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba, de onde saiu farmacêutico em 1926, para exercer esta profissão em Itápolis por mais de 30 anos. Cursou também a Faculdade de Sociologia e Política, da Fundação da Universidade de São Paulo. Lecionou Sociologia Geral e Educacional durante longos anos na Instituto de Educação - "Valentim Gentil" de Itápolis, do qual foi um dos fundadores. Colaborou em jornais de Itápolis, Araraquara, Tres Lagoas, São Paulo e Campinas. Foi correspondente do "Estado de São Paulo". Em Campinas escreveu para o "Diário do Povo" e "Correio Popular".

Residiu em Campinas vários anos, onde pertence a tradicional família que vem de sua fundação. Seu quinto avô foi Luis Pedroso de Almeida Lara que é um dos formadores de Campinas no conjunto dos oito que foram colaboradores e parentes próximos de Francisco Barreto Leme.

Seus ancestrais campineiros são Silva Leite e pela parte materna piracicabana são Silveira Moraes, estando todos registrados na "Genealogia Paulistana" de Silva Leme e na "Nobiliarquia" de Pedro Taquez. Não tinha Júlio da Silveira Sudário muita simpatia pelo setor nobiliarquico, tendo feito longo estudo genealógico dos seus, mas com intenção de tirar conclusões biológicas e históricas.

Era membro do "Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo" e pertenceu ao "Instituto Genealógico Brasileiro". Usava na imprensa e em livros publicados o pseudônimo de Paes Leme Junior. Colaborou na "Feira Literária" de Herculano Vieira e na "Revista do Arquivo Municipal" de São Paulo. Jornalista, cronista, poeta, historiador e conferencista.

Publicou: "Breviário", poesias 1927; "Prolegômeros", in álbum de Itápolis; "Breves Noticias Históricas", Imprensa Gráfica da Revista dos Tribunais, história, 1938, 343 p. e mapas; "Confederação Americana", sociologia, história, premiado em concurso da União Americana, Cuba, 1943; "Pequena História de Itápolis", para uso escolar, São Paulo 1945; "Araritaguaba, seu Primeiro Capitão Mor", história, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 1940. Escreveu também "Tres Séculos da História Colonial", roteiro de Sociologia Geral e Educacional, 2 v.; "Poemas para os meus Descendentes", e uma novela de costumes a que deu o título de "Cartas que não são Persas", iniciada em Itápolis e terminada de escrever em Campinas, onde explora com humorismo e ironia os elementos humanos universais das duas cidades.

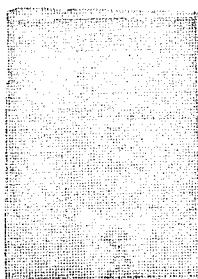
Sempre foi jornalista muito combativo, o que valeu ter respondido por crime de imprensa, do qual foi absolvido, na cidade de São Paulo. Aos 70 anos, embora residindo há muitos anos em Campinas, recebeu o título de Cidadão Itapolitano, outorgado pela Câmara Municipal da cidade.

Envelhecendo, enveredou pelo setor do humorismo e da sátira, estilo Leo Vaz, de quem foi aluno no primário e sobre quem também publicou um estudo no "Estado de São Paulo" e uma pequena biografia em um dos seus livros de história para uso escolar.

Sua última obra, ainda hoje inédita, cujos originais se encontram com seus descendentes, intitulou-se "Arte de Morrer" e foi escrita em Campinas. Faleceu em 16 de setembro de 1978.



JÚLIO DA SILVEIRA SUDÁRIO



Julio da Silveira Sudário, recentemente, publicou "Cartas que não são Persas", novela de costumes, iniciada em Itápolis e terminada em Campinas. A primeira edição esgotou-se e deverá sair uma segunda enriquecida com elementos de Campinas. Embora não houvesse distribuído o seu livro à crítica, no Suplemento Literário de "O Estado de São Paulo", surgiu, com surpresa para o autor, um comentário enaltecendo a última produção de Sudário. O crítico do grande jornal, termina a sua análise com as seguintes frases: "Redigido em forma que lembra Montequieu, em estilo epistolar, com sucessivos cortes e junções que mantêm a unidade da narrativa, o livro tem a marca registrada da originalidade. É único. Constitui o resultado de uma experiência entretecida de alegrias e mágoas, em que o efeito literário

não é procurado, mas reponta naturalmente, como a água que borbulha da fonte. E vale também como documentário de uma época, com seus sonhos e suas frustrações, com seus valores e a sua decepção".

O autor de "Cartas que não são Persas", colaborador do CORREIO POPULAR, nasceu em Piracicaba, a 10 de dezembro de 1906 e foi registrado a 22 de dezembro do mesmo ano. Sudário nasceu em um sítio, de propriedade de seus pais, localizado entre Piracicaba e Tietê e, segundo ele explica, "como a terra era roxa, tornando o trânsito muito penoso, lá ficou o registro para doze dias depois, coisa de pouca importância diante da eternidade".

Diplomado farmacêutico pela Escola de Farmácia e de Odontologia de Pindamonhangaba, em 1926, foi exercer a profissão em Itápolis, onde permaneceu por mais de trinta anos. Tendo cursado, também, a Escola de Sociologia e Política, fundação da Universidade de São Paulo, lecionou, durante muitos anos, Sociologia da Educação, no Instituto de Educação "Valentim Gentil", daquela cidade. Em Itápolis fez política, com Valentim Gentil e culturais, fundou o Conservatório Musical, Odilon Negrão, participou de movimentos fez pesquisas históricas sobre a região, tendo publicado muitos trabalhos, colaborou em muitos jornais e revistas do país e reuniu largo acervo de obras de assuntos brasileiros, algumas raras, que foram para a biblioteca do Congresso, em Washington.

Descendente de Luis Pedroso de Almeida Lara, um dos colaboradores e parentes próximos de Barreto Leme, o fundador de Campinas, acabou por aqui fixar residência, há vários anos, onde continuou a sua tarefa intelectual. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desde 1952 e pertenceu ao Instituto Genealógico Brasileiro, do qual se exonerou, como diz, "por implicar com barões e com os nobres numa terra onde a grandeza está no mestiço". Sudário usava, na imprensa e em um livro publicado, o pseudônimo de Pais Leme Junior. Não quis inscrever-se como candidato à Academia Campinense de Letras, para dar oportunidade a um elemento feminino; por essa razão, segundo ele, foi desancado num artigo de João Simples, publicado neste jornal, artigo "muito bem escrito e de fino humor. Como vemos esse João não foi tão simples. Foi, ao contrário, composto e complexo na sátira".

Além dos trabalhos divulgados por jornais e revistas e do "Cartas que não são Persas", Julio da Silveira Sudário já publicou: "Breviário" (poesia) 1927; "Prolegômenos" (história) 1934; "Breves Notícias Históricas, 1938; "Confederação Americana" (sociologia e história) 1943; "Ararituaba e seu primeiro Capitão Mor" (história), 1940 e "Pequena História de Itápolis" — 1946.

Tem inéditos "Três Séculos de História Colonial", "Roteiro de Sociologia Geral e Educacional", em dois volumes e "Poemas para o Meus Descendentes", versos.

Tendo sido aluno de Léo Vaz, no curso primário, publicou um estudo sobre o escritor em "O Estado de São Paulo", tendo, também, inserido num de seus livros de história, uma pequena biografia do autor de "Professor Jeremias".

Como jornalista, por ser combativo, já foi processado por crime de imprensa, no Palácio da Justiça, em São Paulo.

Em resumo, é esta a vida ativa do escritor Julio da Silveira Sudário, autor de "Cartas que não são Persas".

(Extraído do jornal "Correio Popular" de
Campinas, de junho/69)